

As Narrativas Autobiográficas e a Formação de Professores: Uma Reflexão Sobre o Diário de Acompanhamento⁷¹

Mônica Gaspar, Fátima Pereira y Maria da Conceição Passeggi

Resumo. O objetivo deste trabalho é refletir sobre o acompanhamento da escrita do memorial de formação no curso de formação de professores. Esta reflexão faz parte de uma pesquisa de doutorado, em desenvolvimento, do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O diário escrito por duas professoras do curso de Pedagogia do PROGRAPE, na Universidade de Pernambuco – UPE, Campus Nazaré da Mata, em 2011, foi utilizado como nosso objeto de análise. Consideramos que, ao escrever o diário, as formadoras revelam seus saberes, experiências e identidade, e que os discursos expressos são frutos do processo formativo e auto formativo.

Palavras-chave. Narrativas autobiográficas, acompanhamento, formação de professores.

Abstract. The aim of this paper is to reflect on the accompaniment of the writing of training memorial in a teachers' education program. This reflexion is part of a developing doctorate research of the Post-graduation Program in Education in the Federal University of Rio Grande do Norte. The diary written by two pedagogy course teachers of PROGRAPE in the University of Pernambuco – UPE, Nazaré da Mata Campus, in 2011, was used as our object of analysis. We considered that while the teachers were writing the diary, they revealed their knowledge, experience and identity, and also that the discourses presented are the result of formative and self-formative process.

Keywords. Autobiographical narratives, accompaniment, teachers training

Introdução

As narrativas podem ser o último recurso dos teóricos econômicos. Mas elas provavelmente são a matéria da vida daqueles cujo comportamento eles estudam (Jerome Bruner, 2002).

Propomos, neste texto, uma reflexão sobre as narrativas autobiográficas dos diários para compreender como acontece o acompanhamento da escrita do

⁷¹ Este texto compõe parte do material apresentado no artigo Diário de acompanhamento: reflexões sobre a escrita do memorial de formação durante o IV Congresso Internacional de Pesquisas Autobiográficas no Rio Grande do Sul/Brasil, 2012.

memorial no curso de formação de professores. Esta reflexão faz parte de uma pesquisa de doutorado, em desenvolvimento, do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Compreendemos o diário como gênero autobiográfico que, durante a sua escrita, torna possível, ao formador, ator-narrador, realizar momentos de retrospectiva e reflexão sobre as decisões e acontecimentos do acompanhamento do memorial, visto que as anotações ocorrem em outro momento, posterior ao vivenciado. Nesse debruçar sobre si, o diário "Mais que todas as outras formas de escrito, explora a complexidade do ser" (Hess, 2006:92).

Dessa forma, trazemos as narrativas autobiográficas como método de pesquisa e de formação e, em seguida, analisamos a prática dessas professoras a partir do que capturamos nos seus dizeres acerca dos seus fazeres.

As Narrativas autobiográficas como método de pesquisa e formação

Atualmente, escrever sobre o que se faz e o que se sente tornou-se um recurso de pesquisa para analisar o cotidiano e a prática profissional. No âmbito da educação, as narrativas autobiográficas compõem um método de construção do conhecimento que fundamenta a reflexão do fazer pedagógico e a re-significação da própria ação.

Nas palavras de Connelly e Clandinin (1990), somos narradores e personagens de nossas histórias e das histórias dos outros. Nesse sentido, "o estudo da narrativa é o estudo da forma como os seres humanos experimentam o mundo. Essa noção geral transfere-se para a concepção da educação como construção e reconstrução de histórias pessoais e sociais [...]" (Connelly & Clandinin, 1990:2)

Tomar esses escritos como objeto de reflexão é acreditar que a escrita de si, por ser uma escrita autobiográfica, constitui-se em um momento singular para desenvolver a competência interpretativa e reflexiva sobre si e sobre o cotidiano escolar. Escrever sobre si é um exercício que promove uma autorreflexão, isso porque essa escrita permite,

Explicitar a singularidade e, com ela vislumbrar o universal, perceber o caráter processual da formação e da vida, articulando espaços, tempos e as diferentes dimensões de nós mesmos, em busca de uma sabedoria de vida. (Josso, 2004:9)

Souza (2004:72) revela que escrever sobre si remete o sujeito para uma dimensão de "auto-escuta de si mesmo, como se estivesse contando para si próprio suas experiências e aprendizagens que construiu ao longo da vida, através do conhecimento de si". Essa dimensão compõe as narrativas do diário, ao escrever sobre si relatando sobre suas experiências, narrador e interlocutor estabelecem um diálogo, é a expressão dos múltiplos "eus" (Larrosa, 1998).

Sobre o diário, Hess (2006) aponta algumas formas particulares: *diário íntimo ou pessoal* – toma como objeto o vivido pessoal, há numerosos estudos; *diário de viagem* – limita-se ao período de viagens, assim como, *o diário de bordo* – escritos durante a descoberta do novo mundo; *o diário filosófico* aborda temas que se podem retomar, a redação é em torno de uma pesquisa; *o diário de pesquisa* –

registro de hipóteses e achados do pesquisador; o diário de formação – descreve as dificuldades didáticas em cursos de formação, com o objetivo de enfrentar e resolver dilemas da profissão; o diário institucional – registro com dimensões individuais, grupais, institucionais da vida de determinado estabelecimento. Por fim, o diário dos momentos é a denominação que Hess (2006) utiliza para seu diário, por ter a função de relatar seus momentos.

Com Zabalza (2004:13) encontramos os *diários de aula* – "documentos em que os professores anotam suas impressões sobre o que vai acontecendo em suas aulas". O autor aponta importantes observações sobre os diários. Para ele, os diários: (a) não tem que ser uma atividade diária, cumprem sua função mesmo que sua periodicidade seja menor, pois o importante é manter uma linha de continuidade na narração; (b) constituem narrações feitas por professores; (c) o conteúdo para quem escreve, geralmente, é considerado descartável. Ele pode ficar aberto ou vir com uma ordem de condicionamento de planejamento prévio; (d) a demarcação espacial da informação recolhida costuma ser o contexto de aula, mas não impede que se possa abordar outra atividade docente.

Para o autor (*ibidem*), há quatro âmbitos para o diário. O primeiro se refere ao acesso pessoal do narrador. Nesse caso, ele cumpre um importante papel porque se torna elemento de expressão das vivências e das emoções, pois "escrever sobre si mesmo traz consigo a realização dos processos: racionalizar a vivência ao escrevê-la, reconstrói a experiência" (*ibidem*:18).

No segundo, o diário é um recurso para explicitar os dilemas com relação à atuação profissional. Para Zabalza (2004), dilemas são construtos descritivos e próximos à realidade, e referem-se a vivências de situações problemas no desenvolvimento da aula; é, também, uma forma de quebrar a linearidade do pensamento-ação, porque, em geral, a aula acontece no âmbito de uma dinâmica muito fluida e dependente do contexto. Para o autor,

A peculiaridade dos dilemas está em que a forma como os professores os identificam e os enfrentam combina a dupla dimensão dos profissionais da educação: a dimensão do conhecimento e a dimensão das características pessoais de cada um. (2004:23)

Com o terceiro, o diário é um recurso de acesso à avaliação e ao reajuste de processos didáticos. Nesse caso, a utilização do diário possibilita o acompanhamento do desenvolvimento de um trabalho, tanto escolar quanto de pesquisa. Segundo Zabalza (*ibid.*), uma outra possibilidade para este recurso são os diários de pesquisa. Neste caso, torna os que escrevem em pesquisadores e no processo de escrita "integra três posições complementares: do ator, do narrador e do pesquisador" (*ibidem*).

Nessa perspectiva, Souza (2008) trabalha com os diários de formação, desenvolvidos pelos alunos na disciplina de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado no curso de formação de professores. Além de proporcionar o acompanhamento e avaliação do processo de aprendizagem, abriu outras possibilidades, já que a sua perspectiva tinha como foco a formação do sujeito através da escrita de si. Para o autor (2008:03), "o trabalho com diário, focado no processo narrativo, torna possível apreender as inter-relações entre as diversas situações e dimensões experienciais da/na sala de aula".

Nesta direção, Zabalza (2004) identifica o desenvolvimento profissional, último recurso apontado pelo autor. A escrita do diário torna o autor consciente de sua atuação ao identificar seus componentes para narrá-los e, nesse processo, ele recodifica essa atuação (transformar a ação em texto), "possibilita a racionalização das práticas e sua transformação em fenômenos modificáveis (e, portanto, possíveis de melhorar)" (2004:27).

Ao escrever seu diário para acompanhar o desenvolvimento do seu trabalho, o professor-formador expressa seus saberes, suas experiências, sua subjetividade. Sobre essa questão, Pineau (1999) revela três possibilidades de formação: o formador forma-se a si próprio, através de uma reflexão sobre seus percursos pessoais e profissionais, que pode ser denominado como um processo de autoformação; o formador forma-se, também, na relação com os outros, em uma aprendizagem coletiva, apelando à consciência, aos sentimentos e às emoções – a *heteroformação*; e o formador forma-se através das lições das coisas, dos saberes técnicos, culturais e artísticos e da sua compreensão crítica – a *eco-formação*.

As narrativas do diário das formadoras trazem traços singulares de como foram representadas as vivências no acompanhamento da escrita do memorial com questões práticas, mas vimos, também, questões subjetivas em que emergiram sentimentos, emoções. Segundo Passeggi (2008), a formação do formador acontece, também, inversamente: em uma direção inversa da experiência para abstração teórica.

Os diários das professoras – formadoras: reflexões sobre a prática docente

A análise realizada nas narrativas dos diários baseou-se na metodologia de Schütz (Jovchelovitch; Bauer, 2010). Seguimos os seguintes passos: (1) divisão do texto em material indexado e não indexado; (2) utilização do material indexado para analisar e ordenar os acontecimentos para cada narrativa; e, (3) transformação do material não indexado em "análise do conhecimento".

Tomamos como objeto de análise, o diário produzido em 2011 por duas formadoras no curso de Pedagogia no PROGRAPE, da Universidade de Pernambuco – UPE, Campus Nazaré da Mata. O termo de consentimento das autoras autoriza-nos a identificá-las em suas narrativas, porém, a identificação das alunas, citadas em seus diários, serão por nome próprio fictício, em respeito das identidades.

Sobre a orientação individual e em grupo

Para as formadoras, o diário "é uma espécie de mapa que serve para guiar-me sobre os rumos que preciso propor e as orientações que precisarei dar para a escrita de cada aluna" (Áurea, 2011) e "permite a observação de uma certa distância da ação, analisando os fatos e o meu trabalho diante uma perspectiva a ser cumprida" (Miriam, 2011).

As formadoras falam sobre os encontros individuais e com o grupo reflexivo⁷², composto pelos participantes da pesquisa, "pessoas que reconhecem seu engajamento num projeto comum de pesquisa formação através da prática de

⁷² Grupo de pessoas que "reconhecem o seu engajamento num projeto comum de pesquisa-formação através da prática de narrativas autobiográficas" (Passeggi, 2008: 44).

narrativas autobiográficas" (Passeggi, 2008:44). A percepção das formadoras sobre esses encontros leva-as a identificar o efeito que as atividades realizadas no grupo proporcionaram às alunas.

Percebo que após cada encontro as alunas demonstram autoestima e mais segurança ao escrever seus textos, pois as discussões em grupo são bastante produtivas e dão margem as alunas exporem seus sentimentos e pensamentos. Por outro lado, nos encontros individuais acho que elas sentem-se mais cobradas, por este motivo se expõem menos oralmente (Áurea, agosto/2011).

Enfatizo neste momento, o encontro com o grupo causou-me satisfação devido as escritas das minhas alunas, onde elas socializam a sua escrita com o grupo e comentaram sobre textos de autores que contribuíram com suas reescritas [...]. (Miriam, abril/2011)

A dificuldade na escrita do memorial é tema recorrente no transcorrer da narrativa no diário de Áurea, seja devido às dificuldades apresentadas com a produção textual, seja pela necessidade no aprofundamento de outras leituras, ou, ainda, pela resistência das alunas em lembrar de experiências que preferem esquecer. Chama-nos a atenção o caso da aluna Elaine.

No dia 07 de maio de 2011, a tutelada apresentou a versão final do segundo capítulo, solicitei que lesse os autores indicados para aperfeiçoar mais a escrita. Em junho, a aluna não apresentou nenhuma produção escrita sobre o capítulo (2011).

Na segunda quinzena de agosto, ela trouxe o segundo capítulo já escrito e uma versão inicial do terceiro, onde para a minha surpresa constava descrição das recordações do tempo de escola (infância) fazendo um paralelo com os ensinamentos do curso e com os impasses existentes já naquela época na educação como a metodologia do professor e o sistema de avaliação (Agosto/2011).

Depois Elaine me surpreendeu muito. Nos últimos meses tivemos encontros sistemáticos, em agosto e setembro, onde eu sugeri que ela escrevesse sobre suas primeiras experiências na escola e procurasse fazer uma relação com o curso e a relação ensino aprendizagem, porém ela relatou que não conseguiria, pois não queria recordar alguns momentos de sua infância. (Setembro/2011)

Para Elaine não era fácil falar ou lembrar esta fase de sua vida e por meio do memorial ela conseguiu superar este medo e agradeceu a sugestão. Isto foi muito importante para mim, como orientadora, saber que de certa forma contribui neste processo. (Setembro/2011)

A resistência em recordar momentos de experiências escolares na infância foi uma situação que exigiu da formadora compreensão e, acima de tudo, sensibilidade. É o modelo de coinvestimento, caminhar com o outro, auxiliar, cuidar. A forma de conduzir o difícil momento da aluna e entender essa resistência deram espaço para o avanço da escrita do memorial, além de auxiliá-la na superação desse obstáculo.

Consideramos que, ao escrever o diário, as professoras-formadoras revelam seus saberes, experiências e identidade, e que os discursos expressos são fruto do processo formativo e auto formativo.

Embora a pesquisa esteja em andamento, é possível constatar que as narrativas autobiográficas são instrumentos potencializadores de aprendizagens e de compreensão da prática docente.

Os resultados apontam para a importância do processo de reflexão na/sobre a prática docente possibilitado pela escrita autobiográfica nos diários.

Acompanhar a escrita de um gênero textual que entrelaça as dimensões (auto) avaliativa e (auto) formativa demonstra o quão delicado é o papel da formadora nesta situação de conflito.

As professoras-formadoras revelam a complexidade de seu trabalho, à medida que, ao mesmo tempo em que compreendem as dificuldades próprias de quem vai transformar em textos suas histórias de vida e de formação, e, portanto, precisam ser sensíveis nesse processo, também têm clareza da necessidade dessa escrita atender a demanda institucional.

Referências bibliográficas

- BUENO, B. O, CATANI, D. B. E SOUZA, C. P. (2003). *A vida e o ofício dos professores*. São Paulo: Escrituras.
- BUENO, B.O., CHAMILLIAN, H. C., SOUZA, C. P. E CATANI, D. B. (2006). Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). *Educação e Pesquisa*, 32(2), 385-410.
- CONNELLY, F. M. E CLANDININ, D. J. Stories of experience and narrative Inquiry. *Educational Researcher*, 19(5), 2-14.
- HESS, R. (2006). *Momento do diário e diário de momentos*. In E. C. SOUZA, M. H. M. BARRETO (orgs.), *Tempos, narrativas e ficções: A invenção de si* (89-103). Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB.
- BRUNER, J. (2002). *Realidade mental, mundos possíveis*. Porto Alegre: Artes Médica.
- JOVCHELOVITCH, S. E BAUER, M. W. (2010). *Entrevista narrativa*. In M. W. BAUER E G. GASKELL (orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (90-113). Tradução de Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes.
- JOSSO, M. C. (2004). *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez.
- LARROSA, J. (1998). *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Porto Alegre: Contrabando.
- PASSEGGI, M. C. (2008). *Mediação biográfica: figuras antropológicas do narrador e do formador*. In M. C. PASSEGGI (Org.), *Memórias, memoriais: pesquisa e formação docentes* (43-58). Natal, RN:EDUFRN; São Paulo: Paulus.
- PINEAU, G. (1999). *Experiências de aprendizagem e histórias de vida*. In P. CARRÉ e P. GASPAR, *Tratado das ciências e das técnicas de formação* (327-348). Lisboa: Instituto Piaget (Coleção Horizontes Pedagógicos).
- SOUZA, E. C. (2004). *O conhecimento de si: narrativas do itinerário escolar e formação de professores*. Tese de doutorado – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Bahia, Brasil.
- ____ (2008). *Entre a tinta e o papel: escritas e pesquisa em diários de formação*. In M. C. VENANCI (org), *Não me esqueça num canto qualquer* (1-17). Rio Grande do Norte: III Congresso Internacional de Pesquisas (Auto)biográficas.
- ZABALZA, M. (2004). *Diários de aula: um instrumento de pesquisa e de desenvolvimento profissional*. Porto Alegre: Artmed.